

**O PROCESSO DA (INTER)SUBJETIVIDADE
EM UM CORPUS ESCRITO – REDAÇÕES MODELO ENEM**

Amanda Moreno Fonseca de Andrade (UESB)

amfandrade65@gmail.com

Patrícia de Carvalho Pires (UESB)

patycpires@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

RESUMO

Dias (2013) advoga, com base em Benveniste (1956;1958), que sem falante e/ou escrevente não há subjetividade e ressalta, ainda, que esse processo de subjetivação foi, cada vez mais, se abstratizando até que o falante/escrevente começou a lançar suas atitudes e intenções no ato da linguagem. Nessa perspectiva, com o intuito de perceber a (inter)subjetivação em redações do tipo dissertativo-argumentativo, propomo-nos a analisar como as Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas, instanciadas pelo esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], em um *corpus* escrito formado por redações produzidas por alunos pré-vestibulandos, com foco no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Assim, a nossa análise se concentra, sobretudo, na observação de como está demonstrada a (inter)subjetividade no último parágrafo do texto, em que o escrevente, a rigor, apresenta a conclusão sobre a problemática sugerida e, além disso, desenvolve uma proposta para findar o que foi discutido ao longo da redação. Com isso em mente, selecionamos dois temas desse exame para análise: (i) o histórico desafio de valorizar o professor; e (ii) o abuso de poder e de autoridade no Brasil. Cada tema está presente em 100 (cem) textos analisados, resultando um total de 123 (cento e vinte e três) ocorrências com 15 (quinze) predicativos diferentes encontrados no tema (i) e 21 (vinte e um) predicativos diferentes encontrados no tema (ii), preenchendo o slot [pred] da construção [V_{ligação}+Pred+OSSSubj].

Palavras-chave:

ENEM. (Inter)subjetividade. Linguagem.

ABSTRACT

Dias (2013) advocates, based on Benveniste (1956;1958) that without a speaker and/ or writer there is no subjectivity and also emphasizes that this process of subjectivation was increasingly abstracting that the speaker/writer began their attitudes and intentions in the composition of language. In this va-perspective, in order to understand the (inter)subjectivation in essays of the argumentative-essay type, we propose to analyze how Subjective Subordinate Clauses, instantiated by the scheme [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], in a corpus written by essays aimed at pre-university students focused on ENEM (National Exam). Thus, the analysis focuses, above all, on the observation of how (in-ter)subjectivity is demonstrated in the last paragraph of the text, in which the writer, strictly speaking, presents our conclusion on a suggested problem and, in addition, develops a proposal to find what was discussed throughout the writing. With

this in mind, we selected two themes from this exam for analysis: (i) the historic challenge of valuing the teacher; and (ii) the abuse of power and authority in Brazil. Each theme is present in 120 (fifteen) studies analyzed 20 (30 (one hundred and 20) total essays of 21 (fifteen) found no theme (twenty different) and 21 (twenty different one) predicates found in the theme (ii), filling the [pred] slot of the [Vlink+Pred+OSSSubj] construction.

Keywords:

ENEM. (Inter)subjectivity. Language.

1. Introdução

Benveniste (1995), ao introduzir o “sujeito da enunciação”, afirma que o reconhecimento da linguagem é profundamente marcado pela expressão da *subjetividade*. Em outro momento, ainda questiona sobre a possibilidade de que se não houvesse o reconhecimento desse processo na linguagem, como essa funcionaria e se poderia ser reconhecida como tal (Cf. BENVENISTE, 1995, p. 261). Assim, podemos observar que esse meio na linguagem acontece de forma frequente no processo de comunicação e é de suma importância para que ela funcione como tal.

A linguagem, dessa maneira, acontece em um ato em que não é necessário o contato físico, entretanto, há muito além nessa troca, e é justamente isso que procuraremos investigar dentro da (inter)subjetividade, ancorando-nos na perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) (Cf. CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAU-GOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2018), ou seja, na abordagem linguística que é fundamentada no diálogo entre o Funcionalismo norte-americano e a Gramática de Construções.

Com isso em mente, para explicitar o nosso objetivo, estruturamos o presente trabalho na seguinte ordem: após esta Introdução; na seção 2, intitulada “Linguística Funcionalista Centrada no Uso”, abordamos brevemente a teoria em questão; logo depois, na seção 3, “*Corpus* da pesquisa”, descrevemos o *corpus* utilizado para o desenvolvimento da pesquisa; posteriormente, na seção 4, “Análise e discussão dos dados”, exemplificamos e aplicamos a teoria trabalhada; e, por fim, na seção 5, apresentamos as nossas Considerações finais.

2. Linguística Funcionalista Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso constitui-se em um mo-

delo teórico-metodológico que utiliza os pressupostos do Funcionalismo Clássico, ancorando-se, assim, na perspectiva teórica defendida por Willian Croft, Joan Bybee, Paul Hopper, Talmy Givón, John Haiman, Elizabeth Traugott, Graeme Trousdale, Furtado da Cunha, entre outros; juntamente com as contribuições da Linguística Cognitiva, sobretudo por meio de John Taylor, Ronald Langancker, George Lakoff; e, principalmente, no que concerne à Gramática de Construções, com Adele Goldberg e Willian Croft.

De acordo com Rosário e Oliveira (2016), na contemporaneidade, o Funcionalismo, de vertente norte-americana, ampliou sua margem de observação e integra, de forma mais abrangente, à dimensão textual, na qual há uma abordagem holística, isto é, um olhar para o todo *forma-função*, e contingencial das utilizações linguísticas, porque passou-se a considerar as relações contextuais. Assim, é ampliada a dimensão da forma em um procedimento que equilibra ambos os eixos e a organização gramatical continua, como no Funcionalismo Clássico, a ser moldada pelo uso da língua. Vejamos isso nas palavras de Rosário e Oliveira (2016):

Tal reorientação corresponde ao Funcionalismo na contemporaneidade e concebe a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais, de acordo com Bybee (2010). Os usos linguísticos são, nesse âmbito, entendidos como produto da experiência, da rotinização e da perspectivização na e pela linguagem, entre outras motivações. Embora fatores de ordem cognitiva já estivessem na agenda funcionalista norte-americana clássica, como os atinentes à iconicidade e à marcação, nos termos de Givón (1995, 1979), o refinamento desses fatores ganha relevo no século XXI, com a explicitação de propriedades contextuais e sua relação com processos cognitivos, no entendimento de que a cognição, derivada de pressões interacionais e da experiência sociohistórica, é manifestada textualmente. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 236)

Isso significa que o Funcionalismo Contemporâneo agrega ainda mais valores à corrente teórica que preza pela função nas construções, realizando isso por meio do acréscimo do contexto às análises. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a partir da inserção do contexto, assume-se, então, uma percepção mais ampla do que seja tal conceito, pois há a colocação do que é o entorno linguístico, em outros termos, a sintaxe, fonologia, morfologia, semântica, modalidade escrita e falada, inferência pragmática, e, ainda, algumas propriedades de caráter mais amplo como as sociolinguísticas⁶⁴ e as discursivas⁶⁵ são levadas em consideração.

⁶⁴ Como perfil dos interlocutores, tempo e espaço da interação.

⁶⁵ Como sequência tipológica e gênero discursivo.

Em adição a isso, há as contribuições cognitivistas para que a Linguística Funcional Centrada no Uso se realize. O Cognitivismo surgiu na década de 70, sendo que o motivo para seu surgimento foi o contexto institucional em que havia insatisfação com o enfoque formal utilizado na língua, indo contra alguns pressupostos contrários à tradição formalista. A ciência cognitiva abrange a Filosofia, a Neurociência e estuda aspectos da cognição humana, que podem se relacionar, sobrepondo-se ou não a essas áreas de estudo do conhecimento humano em um campo mais abrangente que é a Linguística Cognitiva.

Esse tipo de linguística é uma abordagem da linguagem associada ao meio de conhecimento e às experiências do cotidiano humano, que provém da constituição corporal humana, ou seja, um reflexo da estrutura, do movimento do corpo e das experiências que o ser vive por intermédio dele, como afirmam Martelotta e Kenedy (2015):

Os cognitivistas propõem [...] que o pensamento da constituição corporal humana, apresentando características derivadas da estrutura e do movimento do corpo e da experiência física e social que os humanos vivenciam por meio dele. Além disso, o pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos não diretamente associados à experiência física, ele emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver ou sentir. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 16)

Sendo assim, as unidades e as estruturas da linguagem, dentro do cognitivismo, são estudadas não como unidades autônomas, mas, sim, como as manifestações das: (i) organizações conceptuais; (ii) princípios de categorização; e (iii) mecanismos de processamento e experiências culturais, sociais e individuais. Os linguistas cognitivistas têm, assim, como finalidade maior estudar a estrutura da língua e como ela funciona.

Associar a linguística à cognição, dessa forma, significa tentar entender como o pensamento humano é estruturado e organizado para o funcionamento do sistema cognitivo humano, a exemplo de Langacker e Lakoff, que procuram realizar esse empreendimento partindo da hipótese de que a língua reflete o pensamento humano. Nessa perspectiva, Evans e Green (2006) acrescentam que a língua possui padrões sistemáticos que refletem padrões de conceitualização. Ademais, Pinheiro e Ferrari (2020) discorrem sobre dois compromissos fundamentais em que a Linguística Cognitiva se apoia:

[...] (i) busca de generalização, em que se espera que os mesmos princípios gerais atuem em todos os níveis de análise linguística; e (ii) interdisciplinaridade, que preconiza que esses princípios gerais devem ser compa-

tíveis com o cabedal de conhecimentos disponíveis sobre a mente e o cérebro em disciplinas afins. (PINHEIRO; FERRARI, 2020, p. 602)

Assim, Pinheiro e Ferrari (2020), ao assumirem esses dois compromissos em relação à Linguística Cognitiva, preveem que, sobre o primeiro fundamento, se há atuação de um determinado princípio sobre o nível lexical, há, também, a possibilidade de agir em relação a outros níveis, a exemplo do sintático e morfológico. Já em relação ao segundo compromisso citado, a Linguística Cognitiva está em constante casamento com outras áreas afins, pois, desse modo, há uma melhor descrição sobre os processos cognitivos como um todo.

O intuito dessa breve descrição acerca da LFCU foi embasar o foco da presente pesquisa com alguns termos que fazem parte desta abordagem, como: as frequências *type* e *token*, construção de língua enquanto rede, pareamento forma-função e, principalmente, os processos de subjetividade e (inter)subjetividade, pois tais concepções ancoram-nos para análise do *corpus* escrito que propomos aqui. Passemos, então, à seção seguinte, em que discorreremos sobre o *corpus* da pesquisa.

3. *Corpus da pesquisa*

Na intenção de compreendermos o processo da (inter)subjetividade em Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas em um *corpus* na modalidade escrita, propomo-nos a estudar como o fenômeno ocorre em textos escritos do tipo dissertativo-argumentativo, modelo utilizado por alunos pré-vestibulandos com vistas ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Dessarte, a expressão de “texto dissertativo-argumentativo” nos remete, inicialmente, a escritas escolares, ou, até mesmo, exames como concursos e/ou vestibulares. Nesse tipo textual, há o propósito de convencer o leitor sobre uma tese, por meio de fortes articulações lógicas entre os significados. Pensemos, então, que argumentar seja uma prática do cotidiano e que a forma como colocamos em prática essa persuasão é importante para a compreensão e aceitação do outro sobre tese produzida no texto. Nas escritas do tipo dissertativo-argumentativo, está em jogo essa capacidade que o candidato, no ato da escrita da redação, tem de aplicar uma situação-problema, apresentando sua opinião sobre a temática proposta e como essa argumentação pode ser desenvolvida com um repertório sociocultural forte e bem embasado, tornando a escrita coerente.

Dessa maneira, analisamos um *corpus* com redações modelo ENEM, como explicado anteriormente, escritas por pré-vestibulandos e que compõe o *site*⁶⁶ do qual observamos 200 (duzentos) textos e retiramos os excertos para a investigação. Desse material, 100 (cem) textos presentes foram produzidos a partir do tema “O histórico desafio de valorizar o professor” e os outros 100 (cem) compõem o tema “O abuso de poder e de autoridade no Brasil”.

Na próxima seção, apresentamos, de forma breve, a análise dos dados.

4. Análise e discussão dos dados

A fim de compreendermos sobre o processo de *(inter)subjetividade* nas Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas, acreditamos que o método misto seria crucial para a explanação do fenômeno a ser estudado. Dessa forma, elaboramos a metodologia com base nas seguintes etapas (i) levantamento e seleção do objeto nas ocorrências; (ii) análise do contexto em que as ocorrências estão presentes.

Primeiramente, no tocante à etapa (i), pensamos sobre um *corpus* ideal para entender o processo da *(inter)subjetividade*, em que poderíamos elencar dentro dele o esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj]. Tendo isso em mente, os *corpora* PPVC e PCVC, *corpora* de falas, e um *corpus* escrito seriam, de fato, bons alvos para essas análises. Dessa maneira, levantamos os dados, inicialmente, com o esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], sendo que o Slot V_{ligação} poderia ser preenchido pelos verbos:

- (a) *parecer*
- (b) *ser*
- (c) *estar*
- (d) *ficar*

A pesquisa foi feita de forma direta aos *corpora* do esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], em que os verbos de ligação condizem aos citados na etapa (i). Melhor dizendo, analisamos como aconteceu o processo da *(inter)subjetividade* nas ocorrências coletadas nos *corpora* PPVC e PCVC, tendo como foco construções instanciadas pelo esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj]. No intuito de desenvolver uma análise em redações do tipo dissertativo-argumentativo, como explicado na seção 5.2, propo-

⁶⁶ <https://redacaonline.com.br/temas-de-redacao/>.

mo-nos a observar como as Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas, instanciadas pelo esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], acontecem nessa escrita, ou seja, em um *corpus* escrito. Com essa visão, pensamos em escolher um *corpus* formado por redações produzidas por alunos pré-vestibulandos com foco no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Dessa maneira, observemos como acontece esse processo nos excertos (1), e (2) a seguir:

(1) **Torna-se evidente, portanto, que**, para superar a crescente descrença no pensamento científico no Brasil, medidas exequíveis são necessárias. **É imprescindível, nesse sentido, que** o Ministério da Educação invista na ministração de palestras nas escolas que promovam debates e discussões com os alunos sobre fatos científicos, por meio de verbas oriundas do combate à corrupção – como a Operação Lava-Jato, a fim de formar alunos mais críticos. Ademais, é mister que o Governo, por intermédio das redes sociais – como o “Instagram” e o “Facebook”, crie fóruns que objetivem tirar as dúvidas da população acerca do conhecimento intelectual, com o fito de solapar misticismos. Assim, o Brasil aproximar-se-á da utopia descrita por Thomas Morus. (*Corpus* escrito, redação nº 10)

(2) Portanto, **é mister que** o Estado tome providências para amenizar o quadro atual. Urge que o Governo Federal, mediante o Ministério Público crie um Sistema Nacional de Combate à Corrupção, por meio deste implementar medidas anticorrupção para eleições e partidos políticos e promover a transparência e a responsabilidade destas entidades, além de melhorar a seleção dos agentes públicos para garantir maior imparcialidade. Ademais, cabe, ainda, ao Governo Federal aumentar a fiscalização efetiva por parte das instâncias competentes da segurança pública e criar um plano de políticas públicas por meio de verbas governamentais, destinadas à juventude, para diminuir a disseminação de práticas discriminatórias e racistas entre os agentes policiais. (*Corpus* escrito, redação nº 15)

Notando o excerto (1), cujo tema da redação é “O histórico desafio de valorizar o professor”, podemos nos ater que o uso da oração matriz *é imprescindível* + o sujeito posposto **que**, para superar a crescente descrença no pensamento científico no Brasil, medidas exequíveis são necessárias (...), apresentam o início de uma possível proposta interventiva, indicando que se faz *imprescindível* essa melhoria sem que o sujeito esteja explícito.

Na ocorrência presente no excerto (1), pudemos observar o entorno linguístico como o contexto em que o adjetivo avaliativo *imprescindível* acontece. Estamos, nesse contexto, diante de um assunto político, pois envolve Ministério e, conseqüentemente, a postura e as ações que este setor deve realizar. Isso configura um papel importante para a resolução de uma problemática que foi discutida ao longo do texto pelo escrevente, ou seja, aparecem, como agentes da proposta interventiva, como

exigido no gênero, explicado anteriormente.

Se considerarmos que, ao invés do esquema [V_{ligação}+Pred+OSS Subj], a utilização de [OSSSubj(sujeito)+ V_{ligação}+Pred] fosse feita, teríamos (...) o Ministério da Educação invista na ministração de palestras nas escolas que promovam debates e discussões com os alunos sobre fatos científicos, por meio de verbas oriundas do combate à corrupção – como a Operação Lava-Jato, a fim de formar alunos mais críticos. Ademais, é mister que o Governo, por intermédio das redes sociais – como o “Instagram” e o “Facebook”, crie fóruns que objetivem tirar as dúvidas da população acerca do conhecimento intelectual, com o fito de solapar misticismos [*é imprescindível*] passaria para o final da oração, tornando-a menos comprometida com o leitor, consequentemente, menos persuasiva. Para além disso, se observarmos e colocarmos o pronome pessoal *Eu* + *verbo achar* (conjugado na primeira pessoa do presente no modo indicativo), estaríamos nos referindo a um nível menos impessoal, o que ficaria *Eu acho que é imprescindível* o Ministério da Educação invista na ministração de palestras nas escolas que promovam debates e discussões com os alunos sobre fatos científicos, por meio de verbas oriundas do combate à corrupção – como a Operação Lava-Jato, a fim de formar alunos mais críticos. Ademais, é mister que o Governo, por intermédio das redes sociais – como o “Instagram” e o “Facebook”, crie fóruns que objetivem tirar as dúvidas da população acerca do conhecimento intelectual, com o fito de solapar misticismos.

Por fim, ao analisarmos os dois temas supracitados, encontramos 123 (cento e vinte e três) ocorrências de parágrafos conclusivos [aos que pertencem à proposta interventiva] com a construção [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], sendo 15 (quize) predicativos diferentes no tema “O histórico desafio de valorizar o professor”, como visto na Tabela 01:

TABELA 01: RELAÇÃO DE PREDICATIVOS COLETADOS NO CORPUS ESCRITO CUJO TEMA É O HISTÓRICO DESAFIO DE VALORIZAR O PROFESSOR

O histórico desafio de valorizar o professor	SER+PREDICATIVO	OCORRÊNCIA
	(Frequência <i>type</i>)	(Frequência <i>token</i>)
	É necessário	16
	É imprescindível	4
	É incontestável	1
	É evidente	15
	É preciso	2
	É inegável	1
	É essencial	3
	É importante	1
	É claro	5
	É útil	1
	É básico	1
	É fundamental	2
	É primordial	1
	É maior	2
	É fútil	1
	É fato	1
	TOTAL	56

Fonte: Autoria própria.

Em vista da Tabela 01, podemos observar que o total de construção ser+predicativo totalizou 13 (treze) diferentes tipos, assim, compondo a frequência *type* e 56 (cinquenta e seis) excertos no total, ou seja, a frequência *token*. Além disso, 21 (vinte e uma) construções ser+predicativo diferentes foram encontrados no tema “O abuso de poder e de autoridade no Brasil”, como demonstrado na Tabelas 02:

TABELA 02: RELAÇÃO DE PREDICATIVOS COLETADOS NO CORPUS ESCRITO CUJO TEMA É O ABUSO DE PODER E DE AUTORIDADE NO BRASIL

O abuso de poder e de autoridade no Brasil	SER+PREDICATIVO	OCORRÊNCIA
	(Frequência <i>type</i>)	(Frequência <i>token</i>)
	É importante	1
	É maior	9
	É imprescindível	5
	É importante	2
	É evidente	6
	É vital	2
	É preciso	7
	É fundamental	2
	É necessário	20
	É conveniente	1
	É imperativo	1
	É imperioso	1
	É essencial	1
	É vital	1
	É fato	1
	É insurável	1
	É notório	2
	É claro	3
	É indispensável	2
	É dever	1
	É negável	1
	TOTAL	73

Fonte: Autoria própria.

Portanto, na Tabela 02, podemos observar que há 21(vinte e uma) construções diferentes da construção ser+predicativo, compondo a frequência *type*, e 75 (setenta e cinco) ocorrências no total, ou seja, a frequência *token*.

Posto isso, com esses resultados, é possível afirmar que os predicativos mais produtivos que preencheram o *slot* “pred”na construção [V_{ii}.

gação+Pred+OSSSubj] do *corpus* escrito foi *é necessário*. No tema 01, *é necessário* apareceu em 16 (dezesseis) frequências *token* e, no tema 02, *é necessário* apareceu em 20 (vinte) ocorrências.

À vista disso, o *corpus* escrito foi altamente produtivo na coleta de adjetivos/predicativos presente na construção [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], o que comprova a teoria mencionada anteriormente, em que o locutor, nesse caso escrevente, a rigor, utiliza recursos linguísticos padronizados para fazer uso da persuasão – como exigido no último parágrafo de textos dissertativo-argumentativos, modelo ENEM, em que é solicitada uma proposta interventiva.

Na próxima seção, descreveremos, brevemente, sobre as considerações finais.

5. *Considerações finais*

Dentro do *corpus* analisado, pudemos notar o entorno linguístico propício para que a construção [V_{ligação}+Pred+OSSSubj] acontecesse. Dessa forma, houve a preparação do interlocutor/leitor para ouvir/ler a expressão em estudo. E, ao fazermos o contraste entre algo específico e geral e entre o pessoal e o impessoal, conferimos que o locutor descompromete/distancia-se, de alguma forma, do que se pretende dizer/escrever, marcando, assim, a (inter)subjetividade.

Essa estratégia argumentativa pode ser compreendida a partir da afirmação de Chafe (1986), ao dizer que o falante pode emitir um conhecimento de mundo de forma mais confiável ou menos confiável. Então, depende apenas dele para que essas transmissões de crenças aconteçam, com uso de recursos linguísticos corretos.

Na análise dos textos dissertativos-argumentativos, há a escrita formal, pois o tipo textual solicita que haja essa característica. Tendo isso em mente, o uso de diversos predicativos diferentes foi realizado e, também, como já explicado na seção destinada à Metodologia, em que o último parágrafo da redação exige uma proposta interventiva, que é onde existe a ocorrência do esquema [V_{ligação}+Pred+OSSSubj], tornando-se é crucial para que haja o processo de (Inter)Subjetividade entre o participante, do ENEM, e a banca corretora.

É importante, ainda, ratificar que o recurso da evidencialidade utilizada pelos falantes/escreventes dentro do entorno linguístico em que os

enunciados aconteceram, possuía como principal objetivo convidar o ouvinte/leitor a participar da informação colocada nas construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, N. B. As construções subjetivas na modalidade falada mineira, carioca e fluminense. In: CEZARIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. (Orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013. p. 129-41

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística Geral*. São Paulo: Nacional/ Universidade de São Paulo, 1976.

_____. *Problema de linguística geral I*. Trad, de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

CHAFE, W. Evidentiality in English Conversation and Academic Writing. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Eds). *Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology*. Norwood, NJ: Ablex, 1989. Continuum Companion to Historical Linguistics. Londres: Continuum, 2011. p. 271-85

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics*. Na Introduction. Edinburgh University Press, 2006.

KENEDY, E. A visão Funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M.R; MARTELOTTA, M.E. *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-21

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa*, rev. linguíst. [online], v. 60, n. 2, p. 233-59, São José Rio Preto, 2016.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista Linguística*, v. 16, Número Especial Comemorativo, p. 595-62, Rio de Janeiro, novembro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492>.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.